

in loco

**Alguma coisa acontece em Minas Gerais
por Eduardo Valente**

De quando em quando a "megalópole brasileira" (leia-se eixo Rio-SP) abre os olhos para alguma manifestação cultural particular do resto do Brasil. Assim, já tiveram lugar no imaginário do eixo em décadas recentes: o mangue beat (multi-disciplinar) recifense, o "clubedoesquinismo" mineiro, a axé music baiana, o boi amazônico, o cinema gaúcho, o mais abrangente fenômeno da "música sertaneja" – e até as manifestações "periféricas" da própria metrópole (o rap paulistano, o funk carioca). Ainda voando abaixo do radar está um dos maiores fenômenos recentes: o cinema "experencial" mineiro (já que o termo experimental, com suas décadas de peso pelo excesso de significados adquiridos, não parece exatamente dar conta do que acontece de novo nas gerações).

Em apenas uma produtora/coletivo, por exemplo (a Teia), dividem experiências seis dos mais instigantes novos realizadores do cinema brasileiro (Clarissa Campolina, Helvécio Marins Jr, Leonardo Barcellos, Marília Rocha, Pablo Lobato, Sérgio Borges), tendo realizado pelo menos duas obras maiores do cinema brasileiro recente (o longa Aboio e o curta Nascente - foto acima). No entanto, todos eles são ainda divinamente desconhecidos, num país onde, segundo descobrimos em recente polêmica midiática, ter o currículo de Paulo Thiago serviria como "antecedentes positivos".

Mas, o que acontece em BH está longe de ser um fenômeno de um grupo só. Pelo contrário, os nomes se acumulam: há desde remanescentes de gerações anteriores, como os mais premiados Eder Santos e Cao Guimarães, a figuras cronologicamente intermediárias como Patrícia Moran e o mais conhecido Rafael Conde (que filma seu segundo longa nestes meses), chegando a alguns "exilados mineiros" como André Amparo e João Vargas Penna (no Rio de Janeiro) ou Kiko Goifman (em SP). Na geração mais nova há alguns cineastas já donos de autênticas "obras conjuntas" (Carlos Magno, Conrado Almada, Leandro HBL, Sávio Leite, Tania Anaya) e aqueles que começamos a conhecer agora com seus primeiros filmes marcantes (Cláudio Oliveira, Marcellvs L, Marcos Pimentel, Roberto Bellini). Fato é que nenhuma cena "regional" de cinema parece tão instigante e esplendidamente contemporânea (onde a produção em digital é particularmente marcante) quanto a belorizontina.

É claro que esta quantidade de nomes de cineastas (necessariamente incompleta, porque enquanto escrevemos novos filmes/vídeos vão sendo adicionados) não nasce por geração espontânea. Junto aos realizadores em si, temos em atuação duas entidades locais importantes (a Curta Minas e o Centro de Estudos Cinematográficos); produtores e técnicos reconhecidos (entre eles, destaque para nomes como os

da produtora Marcia Valadares e da montadora Karen Harley, além d'O Grivo – dupla cujo trabalho na edição de som e mixagem de vários filmes e vídeos mineiros compõe uma das mais consistentes e essenciais contribuições "técnicas" do cinema brasileiro atual); uma sala de cinema com uma das programações mais radicais do Brasil (o Cine Humberto Mauro, capitaneada hoje na sua programação pelo jovem Daniel Queiroz, parceiro de geração de muitos dos nomes acima mencionados); festivais de cinema absolutamente atualizados com a cena mundial como o Indie, o Fluxus (ambos organizados pela Zeta Filmes) e o Forum.doc; e, como não poderia deixar de ser, desde recentemente (atualmente no segundo ano), um curso universitário de cinema (da UNA).

Como o cinema não gira somente em torno de si mesmo, claro, temos ainda que citar a existência em Belo Horizonte hoje de grandes festivais internacionais de teatro e dança, profissionais instigantes nas novas áreas de intervenção artística (webdesign, intervenção urbana, etc), uma considerável rede de sebos e livrarias não-estandarizadas, grupos de tão variado e consistente trabalho como o Galpão, o Corpo, o Uakti, etc. Tudo isso sem citar o óbvio: uma tradição cultural viva, como poucas no Brasil, no estado todo. E, para filtrar e canalizar isso tudo, uma agitada vida noturna cheia de tradicionais botecos, casas noturnas e festas.

A força desta “cena” esteve em ostensiva demonstração na recente oitava edição do Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte. Ante a presença de uma maciça platéia (que lotava quase todas as sessões), eminente e incrivelmente jovem, era exibida aquela que é hoje, sem dúvida, a mais coerente e corajosa seleção de filmes em um festival brasileiro (de curtas ou longas). Na Competição Brasileira e Internacional, vimos sessão após sessão com pouquíssimas obras "fáceis" ou banais – e quase nenhuma deserção da platéia, que além de assistir, acompanha com atenção (onde se destaque uma campanha do Cine Humberto Mauro, onde acontece o festival, pelo silêncio nas salas de cinema). Além disso, vimos ainda uma seleção mineira que se mostrou forte o suficiente para escapar da mediocridade geralmente comum a estes "balanços regionais", e homenagens e mostras especiais dedicadas somente a nomes altamente não-convencionais como a própria Teia, Christian Caselli e a Mostra do Filme Livre.

Como cereja no topo do bolo, os júris da mostra nacional (oficial e da crítica) eram capitaneados pelos essenciais críticos franceses Jean Douchet e Alain Bergala, únicos convidados internacionais do evento – cujo anonimato para a maioria em nada faz lembrar a obsessão por celebridades, comum a tantos festivais. Na premiação do júri oficial, a idiossincrasia fez jus à seleção (e à fama de Douchet), e não deixou de lado a geração mineira aqui mencionada: se o principal prêmio foi dado ao trabalho captado por câmera de

celular da carioca Consuelo Lins (Lectures), o de melhor direção foi para Carlos Magno (por Kalashnikov) e a menção honrosa do júri para Marcellvs L. (por 3195.Man.Canoe.Ocean) – ambos já citados acima. Entre os mineiros, levaram prêmios ainda: Nascente, de Helvécio Marins (melhor fotografia e menção honrosa do júri da Curta Minas); Ægtux, de Tânia Anaya (montagem) e Sal Grosso, de André Amparo (melhor curta pela Curta Minas – embora seja importante notar que é co-dirigido pela capixaba Ana Cristina Murta, e feito no Rio de Janeiro). Igualmente importante é dizer que quem levou mais prêmios na noite final foi o pernambucano (e cinético-cinemascópico) Kleber Mendonça Filho, cujo Eletrodoméstica levou os prêmios de melhor roteiro, atriz e filme pelo júri popular.

De qualquer jeito, quem esteve em Belo Horizonte nestes dias não pôde sair com outra impressão de lá de que o cinema respira, e muito, naquelas paragens. Se o resto do Brasil vai perceber isso logo, ou não, é mais um problema para ele do que para os mineiros – que, como se sabe, têm fama de trabalharem em silêncio.

*Texto retirado da Revista Cinética, acesso em 26 de abril de 2013.